

HABEMUS PAPAM: UM ORADOR EM DIÁLOGO COM O MUNDO

Maria Flávia Figueiredo
mariaflaviafigueiredo@yahoo.com.br

Fernando Aparecido Ferreira
fferreiradg@uol.com.br

Resumo: Este artigo visa discorrer sobre o desfecho de um acontecimento histórico: a renúncia papal e a escolha de seu sucessor. Para isso, à luz das Teorias da Argumentação Retórica e da Percepção Visual, foram analisados o discurso produzido pelo papa eleito no momento de sua primeira aparição na sacada da basílica de São Pedro, em Roma, bem como o gestual do orador e o cenário que serviu de palco para o acontecimento. De acordo com a análise, a identidade revelada pelo orador (expressa por meio da gestualidade e do discurso) evidencia uma postura de simetria frente ao seu auditório e de proximidade com ele, manifestada por meio de um discurso dialogado e pedagógico. Tal postura parece vir ao encontro das necessidades da sociedade atual, fragilizada pela falta de direcionamento e de sentido.

Abstract: This article aims at discussing the outcome of a historical event: the papal resignation and the choice of his successor. For this, in the light of the theories of Rhetorical Argumentation and Visual Perception, the speech, made by elected pope at the time of his first appearance on the balcony of St. Peter's Basilica in Rome, the gestures of the speaker, as well as the scenery that served as a stage for the event were analyzed. According to the analysis, the identity revealed by the speaker (expressed through gestures and discourse) shows a posture of symmetry with his audience and of closeness with it, manifested by a dialogued and pedagogical speech. This attitude seems to meet the needs of today's society, weakened by the lack of guidance and meaning.

Palavras-chave: Identidade. Papa. Sociedade contemporânea. Argumentação. Cenário. Sujeito pós-moderno.

Keywords: Identity. Pope. Contemporary society. Argumentation. Scenery. Post-modern subject.

On se demande en effet: pourquoi cette audience? Nous sommes dans une ère de technique, où tout passe par la télévision. On n'a jamais eu autant de moyens techniques pour rendre cela visible. Mais, je crois qu'il y a une grande demande de la part de la société moderne, qui est une société qui manque de sens, et qui manque de pères.¹

Julia Kristeva

O mundo parou diante dos televisores, das telas dos computadores, dos rádios para acompanhar o desfecho de um acontecimento histórico. Há quase 600 anos a Igreja Católica não presenciava a renúncia de um papa.² No dia 11 de fevereiro de 2013, porém, o então papa, Bento XVI, anunciou ao Vaticano e ao mundo sua renúncia a partir do dia 28 do mesmo mês. Os noticiários ao redor do mundo se colocaram a postos: um papa vivo presenciaria a escolha de seu sucessor. Esse acontecimento fez com que povos dos diferentes continentes, cristãos ou não, acompanhassem, via satélite, o anúncio do novo Bispo de Roma.

No dia 13 de março de 2013, após dois dias de conclave³, a fumaça branca que saiu da chaminé do telhado da Capela Sistina informava ao mundo que a escolha feita pelos cardeais havia se concretizado. Quase uma hora depois, prenunciando à tão esperada informação, ecoava, da sacada do Vaticano, a célebre frase latina instituída pela tradição da Igreja: *Habemus Papam*. Atentos a cada som pronunciado no discurso em latim feito pelo cardeal vigário, os ouvintes buscavam decifrar o nome e a origem do cardeal que passaria a ocupar o comando da Igreja. Com a ajuda dos repórteres das mais variadas emissoras de televisão, em poucos segundos o enigma foi decifrado: seu nome, Jorge Mario Bergoglio; sua origem, Argentina.

O objetivo do presente artigo é, pois, analisar os 10 minutos que sucederam tal anúncio. Nosso *corpus* compreenderá o discurso produzido pelo novo pontífice no momento de sua primeira aparição na sacada da basílica de São Pedro, em Roma. Consideraremos não só o discurso, mas também a visualidade que o envolve, presente no cenário em que o discurso foi proferido e no gestual do orador. Nesse sentido, levaremos em conta como o verbal e o imagético têm uma relação de interdependência no processo de produção de sentido.

Sendo assim, para que a análise possa abarcar a abrangência dos detalhes contidos no *corpus*, o arcabouço teórico selecionado contemplará pressupostos advindos da Teoria da Argumentação e Retórica e também da Percepção Visual.

No que concerne a Retórica, valer-nos-emos, sobretudo, do resgate feito por Perelman e Olbrechts-Tyteca (em seu *Tratado da argumentação: a nova retórica*) à argumentação dialética proposta por Aristóteles. Aliaremos a esse estudo, contribuições feitas por outros pesquisadores, tais como Reboul (2004) e Abreu (2002).

No sentido de ampliar a análise retórica efetuada, buscar-se-á uma associação dessa à conjectura da psicologia da percepção, formulada por Donis A. Dondis em *Sintaxe da linguagem visual* (2012).

O *corpus* selecionado para essa pesquisa encontra-se em formato de vídeo em diferentes sites da Internet. Para visualizá-lo, sugerimos o acesso ao site: <<http://www.aleteia.org/pt/religiao/noticias/papa-francisco-507001>>. Por compreender um texto bastante breve, o discurso proferido no vídeo encontra-se transcrito na íntegra nos parágrafos subsequentes.

Apresentação do papa Francisco ao mundo⁴

ABERTURA DA CORTINA (aplausos)

ENTRADA, SEGUIDA DE ACENO (aplausos)

BANDA SOLENE (aplausos)

Irmãos e irmãs, boa noite! (aplausos)

Vocês sabem que o dever do conclave era de dar um bispo a Roma: parece que meus irmãos cardeais foram buscá-lo quase no fim do mundo. Mas estamos aqui.

Agradeço pela acolhida. A comunidade diocesana de Roma tem seu bispo. Obrigado!

Antes de tudo, antes de tudo, gostaria de fazer uma oração pelo nosso bispo emérito Bento XVI. (aplausos) Rezemos todos juntos por ele, para que o Senhor o abençoe e Nossa Senhora o guarde.

[Pai Nosso, Ave Maria e Glória ao Pai]

E agora começamos este caminho, bispo e povo, o bispo e o povo. Este é o caminho da Igreja de Roma, que é a que preside na caridade todas as igrejas. Um caminho de fraternidade, de amor, de confiança entre nós.

Rezemos sempre por nós, uns pelos outros. Rezemos por todo o mundo, para que exista uma grande fraternidade.

Espero que este caminho de Igreja que hoje começamos, e em que me ajudará o meu cardeal vigário aqui presente, seja frutuoso para a evangelização desta tão bela cidade. (aplausos)

Agora gostaria de dar a bênção, mas antes, antes, vos peço um favor: antes que o bispo abençoe o povo, peço a vocês que rezem ao Senhor para que me abençoe. A oração do povo pedindo a bênção para o seu bispo. (aplausos)
Façamos em silêncio esta oração de vocês por mim.

(Anúncio da Bênção pelo cardeal vigário...)

Darei a bênção a vocês e a todo o mundo. A todos os homens e mulheres de boa vontade.

Benção lida (aplausos)

BANDA SOLENE

Irmãos e irmãs, amanhã quero ir rezar à Virgem Maria para que proteja Roma. Boa noite e bom descanso! (aplausos)

Tempo: das 16h22 às 16h42

Data: 13 de março de 2013.

Com base no *corpus* descrito (de cunho verbo-visual), buscaremos, em primeiro lugar, por meio da sintaxe da linguagem visual, entender a configuração imagética do cenário bem como da gestualidade nele inscrita. Para isso, consideraremos os elementos básicos que Dondis (2007) apresenta como “a caixa de ferramentas de todas as comunicações visuais [...], a fonte compositiva de todo tipo de materiais e mensagens visuais, além de objetos

e experiências” (p. 23), a saber: o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a escala ou proporção, a dimensão e o movimento.

O cenário e seu orador

Como dita a tradição, o discurso do papa foi proferido do alto da sacada central da Basílica de São Pedro, uma edificação monumental, construída na Renascença.⁵ Foi diante desta construção histórica e imponente que o povo viu o novo papa pela primeira vez. A fachada da basílica, simetricamente projetada, transmite a impressão de solidez e equilíbrio, conforme podemos deduzir, segundo as formulações de Dondis. Sobre o equilíbrio, afirma a autora (2007):

A mais importante influência tanto psicológica como física sobre a percepção humana é a necessidade que o homem tem de equilíbrio, de ter os pés firmemente plantados no solo e saber que vai permanecer ereto em qualquer circunstância, em qualquer atitude, com um certo grau de certeza. O equilíbrio é, então, a referência visual mais forte e firme do homem, sua base consciente e inconsciente para fazer avaliações visuais. (p. 32)

Mais adiante, a respeito da simetria, Dondis (2007) afirma:

Simetria é o equilíbrio axial. É uma formulação visual totalmente resolvida, em que cada unidade situada de um lado de uma linha central é rigorosamente repetida do outro lado. Trata-se de uma concepção visual caracterizada pela lógica e pela simplicidade absolutas, mas que pode tornar-se estática, e mesmo enfadonha. (p. 142)

Podemos dizer que o cenário no qual o novo papa fez o seu primeiro discurso, por si só, intensifica e amplifica tudo que ali é pronunciado, reforçando a constituição do *ethos*⁶ do orador. Essa consistência ética funciona como um fator de pré-disposição ou condicionamento do auditório⁷ que, por sua vez, estará mais atento e, conseqüentemente, mais propenso a dar importância ao que for dito a partir deste local. Reforçando a simetria e a opulência, características da edificação, a sacada é emoldurada por uma

grandiosa cortina vermelho-escuro (bordô), aberta em **V** invertido, criando uma área triangular, no centro da qual o papa se posicionará (Fig. 1). Completando o cenário, na produção dos efeitos citados, uma bandeira, também vermelho-escuro, se posiciona verticalmente no balcão da sacada, que é ladeado por duas colunas menores (considerando-as em relação às outras que dão sustentação à basílica) revestidas também em veludo vermelho-escuro. Por sua cor, esses adornos criam um contraste com o cinza da basílica, reforçando o papel da sacada como um ponto focal para o auditório. Essa composição, inserida numa edificação monumental, configura-se como um cenário majestoso e, por que não dizer, intimidador, capaz de gerar no auditório um sentimento de respeito e, até mesmo, de submissão.



Figura 1 – Sacada da Basílica de São Pedro.

Fonte: <http://www.aleteia.org/pt/religiao/noticias/papa-francisco-507001>

Esse cenário também se apresenta numa oposição (ou contraste) direcional em relação ao auditório. Este, composto por inúmeras pessoas aglomeradas, formando uma multidão, se horizontaliza diante da Praça de São Pedro, opondo-se à verticalidade da basílica ou, de forma mais acentuada, à verticalidade da sua sacada central (Fig. 2).



Figura 2 – Multidão na Praça de São Pedro.

Fonte: <http://www.aleteia.org/pt/religiao/noticias/papa-francisco-507001>

Quando o papa escolhido surge na sacada, para apresentar-se à multidão e ao mundo, aparece em vestes brancas, e tem por primeira atitude o gesto de erguer a mão direita, com a palma direcionada ao auditório, saudando-o (Fig. 3). Esse gesto é acompanhado de um sorriso discreto e um olhar que não apenas se direciona para as pessoas, mas que se fixa atentamente naqueles que ali estão para conhecê-lo e que o ovacionam. Nesse momento, no qual ainda nenhuma palavra havia sido proferida, iniciava-se uma sucessão de contrastes do novo papa com o cenário, que irão se estabelecer em vários níveis. Segundo Dondis (2007), “o contraste é uma força de oposição”, “desequilibra, choca, estimula, chama a atenção” (p. 108).



Figura 3 – Saudação do papa Francisco.

Fonte: <http://www.aleteia.org/pt/religiao/noticias/papa-francisco-507001>

Ao apresentar-se com a batina e romeira brancas, traje diário e “vulgar” para os papas, geralmente utilizados em visitas, contatos diretos com o povo e momentos não cerimoniais,⁸ Francisco contrasta com a opulência do cenário. Por outro lado, seu gesto com a mão direita espalmada é assimétrico e horizontalizado, já que aponta para a audiência e desliza sobre ela movimentando-se de um lado para o outro, contrastando, portanto, com a simetria e a verticalidade do cenário. Podemos dizer que, nos primeiros instantes do seu contato com a audiência, que se estabelece num nível puramente visual, Francisco se projeta para ela, de certa forma se apartando do cenário que foi preparado para recebê-lo.⁹ Esses contrastes continuam, porém mais imbricados com o discurso, como veremos na análise a seguir.

O diálogo do orador com o auditório¹⁰

Ao acompanharmos pela TV o pronunciamento do papa eleito, chamou-nos a atenção a forma com que o orador concedeu, ao auditório presente, a possibilidade de interagir, de se manifestar. Diante desse fato, buscamos, por meio da metodologia de análise proposta pela Retórica, entender como esse diálogo se organizou no nível discursivo.

Reboul (2004, p. 104) afirma que um dos critérios que torna a argumentação mais honesta é a reciprocidade. Esse critério prevê que o auditório tenha direito de resposta, ou seja, que a relação entre o orador e o auditório não seja assimétrica. Para o autor, é precisamente essa possibilidade de diálogo o que salva a retórica.

No pronunciamento feito pelo papa, observamos que o orador deu voz ao auditório de diferentes maneiras. A partir da análise de cada um dos trechos do discurso enumerados abaixo, investigaremos de que forma esse diálogo ocorreu:

Trecho 1:

Irmãos e irmãs, boa noite! (aplausos)

A saudação inicial do orador, que geralmente é usada nas saudações religiosas, subentende uma resposta por parte do auditório, já que quando se saúda espera-se uma saudação em retorno. É importante observar que as palavras **irmãos** e **irmãs** (que também foram usadas por outros papas

por ocasião de suas apresentações), ao serem proferidas por um papa que escolheu para si o nome de Francisco, ganham, nesse contexto de enunciação, novos significados, uma vez que abrigam uma alusão ao universo franciscano.¹¹

Trecho 2:

Vocês sabem que o dever do conclave era de dar um bispo a Roma: parece que meus irmãos cardeais foram buscá-lo quase no fim do mundo. Mas estamos aqui.

No trecho acima, o orador faz uma brincadeira e consegue suscitar, no auditório, risos e aplausos, o que também constitui uma forma de interação.

Façamos um parêntese para analisar a construção linguística e o gestual dessa cena, que acabou por caracterizar o exórdio¹² do discurso analisado.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 73-75), bem como Reboul (2004, p. 164), enfatizam que a argumentação só se faz possível mediante algum acordo prévio entre o orador e seu auditório. A esse respeito, consideramos que, no *corpus* analisado, quando o orador (papa recém-eleito) foi apresentado ao seu auditório, esse acordo prévio já se encontrava praticamente estabelecido, uma vez que sua escolha havia sido feita pelos cardeais, os quais, de acordo com a Constituição Apostólica,¹³ têm o aval da Igreja (são “iluminados” pelo próprio Espírito Santo) e, por extensão, têm a concordância dos fiéis.

Ao se fazer uma análise pelo prisma da Retórica, é importante lembrar que “o objeto desta teoria é o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 4). Sendo assim, podemos inferir que, mesmo estando o acordo prévio praticamente estabelecido (pelas razões mencionadas), e havendo uma pré-disposição estimulada pelo cenário imponente, o orador iniciou sua fala buscando aumentar a adesão do auditório ao seu discurso. Nesse sentido, logo no exórdio¹⁴, ele optou por fazer uma brincadeira ao afirmar **Vocês sabem que o dever do conclave era de dar um bispo a Roma:**

parece que meus irmãos cardeais foram buscá-lo quase no fim do mundo.

Essa expressão **fim do mundo** pode ser considerada uma hipérbole – que é uma figura de sentido –, uma vez que cria um sentido novo para uma palavra ou um grupo de palavras já presente no léxico. No *corpus*, a expressão **fim do mundo** não se refere ao lugar onde o mundo acaba, mas a um país distante do eixo ítalo-europeu, no caso, a Argentina.

A respeito das figuras de sentido, Reboul (2004) esclarece:

Podemos dizer da figura de sentido aquilo que Aristóteles dizia da metáfora: deve ser clara, nova e agradável. Nova, porém clara e por isso mesmo agradável, como o enigma que se tem a alegria de desvendar. **A meio caminho entre o enigma e o clichê, a figura de sentido desempenha seu papel retórico.** (p. 120, nossa ênfase)

A expressão **fim do mundo** muitas vezes é tomada como um clichê, porém, levando em consideração o contexto em que foi utilizada e o momento (início do discurso de um papa recém-eleito e desconhecido pela maioria esmagadora do auditório), a expressão ganha também um caráter de enigma (uma vez que, naquele momento, o mundo se via diante de um cardeal pouco conhecido). Sendo assim, retomando as palavras de Reboul, a expressão analisada está, de fato, a meio caminho entre o enigma e o clichê e, por essa razão, desempenha um papel retórico, que, no contexto analisado, foi responsável por ativar o gatilho do humor.¹⁵

A essa figura de sentido une-se, na mesma expressão **fim do mundo**, uma figura de pensamento: a ironia, que, segundo Reboul (2004, p. 115), diz respeito à relação do discurso com seu sujeito (o orador). O papa eleito, mesmo sendo de um país distante, tornou-se **o escolhido**, fato que tem, em si, uma dose de ironia. Antecipando-se a uma suposta crítica ou comentário negativo do auditório, o orador, ao se valer da expressão mencionada, verbaliza essa ironia, causando o riso no público presente. Essa manifestação do riso pode ser observada nos rostos das pessoas que estão ao lado do papa no vídeo e também no auditório, por meio de sorrisos e aplausos.



Figura 4 – Papa Francisco brinca ao iniciar sua fala.

Fonte: <http://www.aleteia.org/pt/religiao/noticias/papa-francisco-507001>

O contraste do gestual e das expressões de Francisco durante o exórdio também desempenha um importante papel no desencadear do riso no auditório. O novo papa inicia fazendo referência ao conclave – um comentário protocolar – com uma expressão séria e gestos contidos, simétricos. Ao pronunciar a expressão **fim do mundo**, faz um gesto enfático, erguendo o braço esquerdo e acenando para trás, rompendo assim com a formalidade não só verbalmente, mas também no gestual, revelando que na verdade não se tratava de um comentário protocolar, mas de uma brincadeira, atitude essa que se confirma no sorriso que abre ao dizer **mas estamos aqui** (Fig. 4).

Mediante a análise exposta, podemos inferir que a proposição da brincadeira seguida do gesto espontâneo por parte do orador, logo no exórdio, acaba por constituir a Tese de Adesão Inicial¹⁶ do discurso.

Voltemos, então, à análise dos excertos subsequentes.

Trecho 3:

Agradeço pela acolhida. A comunidade diocesana de Roma tem seu bispo. Obrigado!

No trecho acima, o orador agradece ao povo pela acolhida, denotando atitude responsiva ao assentimento caloroso demonstrado pelo auditório em forma de aplauso, riso e ovação.

Trecho 4:

Antes de tudo, antes de tudo, gostaria de fazer uma oração pelo nosso bispo emérito Bento XVI. (aplausos) Reçemos todos juntos por ele, para que o Senhor o abençoe e Nossa Senhora o guarde.

[Pai Nosso, Ave Maria e Glória ao Pai]

Ao propor fazer uma oração por Bento XVI, o orador poderia tê-la feito sozinho, em forma de oração espontânea; porém, ao contrário disso, optou por convocar o auditório a uma oração conjunta (**Rezemos todos juntos por ele**), o que se fez possível por meio da escolha de orações populares. As três orações escolhidas são amplamente conhecidas por parte de um auditório cristão-católico, quais sejam: o Pai Nosso (oração universal dos cristãos), a Ave Maria (oração do culto mariano muito repetida durante o rosário ou o terço) e o Glória ao Pai (jaculatória, em honra à Santíssima Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo –, exaustivamente repetida nos ritos católicos). A escolha dessas orações permitiu a manifestação do auditório em uníssono junto ao orador.

Trecho 5:

E agora começamos este caminho, bispo e povo, o bispo e o povo.

Em seguida, o orador declara que não pretende **governar** sozinho. Sua proposta é a de um caminho a ser trilhado pelo bispo e o povo. Aqui, o orador faz uso da repetição (tanto em termos sintáticos, como visuais). Sintaticamente falando, a expressão **bispo e povo** foi dita duas vezes em sequência. A elas foi acrescido um reforço visual, pois o orador, ao proferi-las, fez com as mãos um gesto alternado em vaivém (Fig. 5), expressando visualmente uma ligação com o auditório, remetendo

à interação, ao diálogo, à troca. Tanto Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) como Reboul (2004) consideram a repetição uma figura de presença, pois, por meio dela, o auditório pode sentir melhor o argumento.



Figura 5 – Repetição da fala reforçada pelo gesto.

Fonte: <http://www.aleteia.org/pt/religiao/noticias/papa-francisco-507001>

Trecho 6:

*Este é o caminho da Igreja de Roma, que é a que preside na caridade todas as igrejas. **Um caminho de fraternidade, de amor, de confiança entre nós.***

Nesse trecho encontramos o ponto culminante da argumentação efetuada ao longo do pronunciamento. Culminante pelo fato de sintetizar em uma única frase (**Um caminho de fraternidade, de amor, de confiança entre nós**) toda a articulação argumentativa e imagética efetuada pelo orador. Nesse sentido podemos considerá-la a Tese Principal¹⁷ do discurso.

É importante mencionar também que a expressão **de confiança entre nós** foi precedida de uma pausa longa, o que, em termos prosódicos, sinaliza para o ouvinte que o que vai ser dito em seguida é relevante e merece maior atenção.

Trecho 7:

Rezemos sempre por nós, uns pelos outros. Rezemos por todo o mundo, para que exista uma grande fraternidade.

Nesse trecho, o orador reforça a tese exposta anteriormente, porém, desta vez, em forma de conselho, o que pode ser verificado no uso do modo verbal imperativo. Além disso, o orador explicita sua busca de simetria com o auditório, ao incluir-se por meio da conjugação do verbo na primeira pessoa do plural (*rezemos*). Ademais, as expressões **por nós, uns pelos outros** e **por todo o mundo** denotam um postura gregária por parte do orador.

No pronunciamento desses trechos, os gestos do novo papa são simétricos, não largamente expansivos, mas enfáticos, reforçando o significado das palavras e expressões (**nós, uns pelos outros, todo o mundo, uma grande fraternidade**). Podemos inferir que a simetria e a estabilidade do gestual nesse momento reforçam e dão integridade à tese apresentada, pois são composições visuais que se caracterizam pela simplicidade, uniformidade e coerência, segundo Dondis (2007, p. 142 e 153). Nesse momento, podemos dizer inclusive que, ao se posicionar num gestual integrado ao cenário (ambos simétricos), o novo papa faz com que sua tese entre em concordância com a imponência e a sobriedade do cenário que, como dito anteriormente, foi projetado para tornar importantes os discursos ali pronunciados.

Trecho 8:

*Espero que este caminho de Igreja que hoje começamos, e em que me ajudará o meu cardeal vigário aqui presente, seja frutuoso para a evangelização desta tão bela cidade.
(aplausos)*



Figura 6 – Papa Francisco se dirige ao cardeal vigário.

Fonte: <http://www.aleteia.org/pt/religiao/noticias/papa-francisco-507001>

Nesse trecho, o orador propõe uma forma não-centralizadora de administração, reconhecendo o lugar do cardeal vigário em seu governo. Seu gesto, de virar-se e estender o braço em direção ao cardeal (Fig. 6), retoma a assimetria em relação ao cenário e, mais uma vez, opõe-se a ele pela horizontalidade. Aliás, essa horizontalidade, manifestada nos gestos do papa em direção ao outro, relacionando-o com o outro, é recorrente ao longo de todo o discurso.

Trecho 9:

*Agora gostaria de dar a bênção, mas antes, antes, vos peço um favor: antes que o bispo abençoe o povo, peço a vocês que rezem ao Senhor para que me abençoe. A oração do povo pedindo a bênção para o seu bispo. (aplausos)
Façamos em silêncio esta oração de vocês por mim.*

Somando-se aos inúmeros sinais de simetria apresentado pelo orador frente ao seu auditório, o excerto acima representa o ponto culminante dessa busca de interação estabelecida pelo orador. Nele, o papa se dispõe a dar a bênção ao auditório, porém, antes de fazê-lo, solicita, em forma de favor, que o auditório reze por ele (**A oração do povo pedindo a bênção**

para o seu bispo). Esse pedido é manifestado num gesto expansivo, sobressaltado, com as mãos para o alto (Fig. 7), sendo o gesto mais enfático de todo o discurso, que contrasta fortemente com toda a ordem e passividade do cenário, o que sublinha de forma significativa a importância desse pedido, que é manifestado em forma de lembrança (**mas antes, antes**).



Figura 7 – Gesto expansivo ao pedir oração.

Fonte: <http://www.aleteia.org/pt/religio/noticias/papa-francisco-507001>

Após o pedido de oração para si, o orador (como autoridade máxima da Igreja) inusitadamente se reclinava para recebê-la do seu vasto auditório (mais uma vez, um gesto horizontalizado). Nesse momento, o orador inverte a posição com o auditório (linguisticamente, essa mudança de posição pode ser observada principalmente no início e no final do trecho 9, que se inicia com a declaração **agora gostaria de dar a bênção**, e finaliza com as palavras **oração de vocês por mim**). Essa atitude, de humildade e simetria em relação ao público, é observada também na postura corporal assumida pelo orador, que se inclina para acolher a bênção do povo e, assim, também ganhar a **aprovação** para o seu pontificado.

Trecho 10:

(Anúncio da Bênção pelo cardeal vigário...)

Na preparação para o momento acima, tradicional e protocolar, esperado em todas as apresentações de pontífices recém-eleitos, há uma “falha” na “encenação” que acaba por macular o perfeito equilíbrio para o qual o cenário estava preparado. Francisco não espera que lhe coloquem a estola ornamentada com os evangelistas (comumente utilizada neste cerimonial) e sim busca por ela, desencontrando-se do sacerdote designado para servi-lo (talvez o prenúncio de uma postura humilde) (Fig. 8).



Figura 8 – Desencontro entre o papa Francisco e o sacerdote.

Fonte: <http://www.aleteia.org/pt/religiao/noticias/papa-francisco-507001>

Trecho 11:

Darei a bênção a vocês e a todo o mundo. A todos os homens e mulheres de boa vontade.

Nesse trecho, o orador estende sua bênção a toda a humanidade, dialogando não apenas com o público presente, mas com **todo o mundo**, mais especificamente, com **todos os homens e mulheres de boa vontade**. Ademais, ao se dirigir a homens e mulheres, contempla, por meio dessa escolha lexical, tanto o gênero masculino como o feminino.

Dessa forma, podemos dizer que o papa, como orador, vislumbra superar o auditório que está diante de seus olhos e atingir a humanidade como um todo. Vejamos o que aponta Reboul a esse respeito:

O orador sabe bem que está tratando com um auditório particular, mas **faz um discurso que tenta superá-lo**, dirigido a outros auditórios possíveis que estão além dele, considerando implicitamente todas as suas expectativas e todas as suas objeções. Então o auditório não é um engodo, mas um princípio de superação, e por ele se pode julgar a qualidade de uma argumentação. (REBOUL, 2004, p. 93-94, nossa ênfase)

Trecho 12:

Benção lida (aplausos)
BANDA SOLENE

Após a leitura da benção, o novo papa retira a estola e é ovacionado pelo auditório que, na sequência, clama o seu nome. Sorrindo em resposta, Francisco ergue a mão direita e acena para o auditório, repetindo o gesto que fez na sua entrada (Fig. 9).



Figura 9 – Aceno do papa Francisco à multidão que o ovaciona.

Fonte: <http://www.aleteia.org/pt/religiao/noticias/papa-francisco-507001>

Trecho 13:

Irmãos e irmãs, amanhã quero ir rezar à Virgem Maria para que proteja Roma. Boa noite e bom descanso! (aplausos)

O trecho acima se refere ao encerramento do discurso e, a princípio, pareceu-nos bastante irrelevante. Porém, ao analisá-lo à luz da teoria retórica, pudemos perceber que ele expressa com perfeição o cunho pedagógico imposto pelo orador desde o início de seu discurso. Expliquemos melhor: o orador, desde o início, assumiu uma posição de simetria frente ao seu auditório (o que, segundo Reboul (2004), caracteriza o discurso pedagógico); além disso, ao longo do discurso, estabeleceu um diálogo que foi alcançando um crescendo (**irmãos e irmãs; a comunidade diocesana de Roma; todas as igrejas; todo o mundo; todos os homens e mulheres de boa vontade...**) e, para finalizar, pedagogicamente instruiu seu auditório no diálogo com a instância máxima, isto é, o transcendental, materializado no discurso na figura da **Virgem Maria**.

Considerações finais

Tomando o discurso que constituiu nosso objeto de análise, considerando o momento histórico em que foi proferido e as características de seu co(n)texto, nos remeteremos, para finalizar, a uma citação de Reboul (2004) que nos parece bastante elucidativa para o *corpus* em questão.

Partindo do pressuposto de que, para persuadir, um discurso retórico alia o componente argumentativo ao componente oratório, o autor alega: “um político será bem mais orador **diante das massas** que diante do Parlamento, e mais ainda quanto **menor for o tempo** que tiver para tomar a palavra. É então que o **etos e o patos tendem a suplantar o logos**, e é aí também que **surgem as figuras**” (REBOUL, 2004, p. 92, nossa ênfase).

Uma reflexão sobre as proposições acima nos leva a concluir que o pronunciamento do papa foi mais oratório do que argumentativo. As razões que fundamentam tal conclusão são: 1) seu discurso foi dirigido às

massas; 2) o período de tempo utilizado foi curto (~10min.); 3) houve predominância do *ethos* e do *pathos* em detrimento do *logos*; 4) o orador fez uso de figuras.

Observe-se, no entanto, que as razões 3 e 4 são interdependentes, lembrando que o uso das figuras gera prazer no auditório, seja pela emoção, seja pela comicidade, mas sempre despertando nele o *pathos*.¹⁸ Para Reboul (2004) “a figura seria, portanto, uma fruição a mais, uma licença estilística para facilitar a aceitação do argumento” (p. 114).

No que se refere ao *ethos* do orador (que no discurso analisado suplantou em muito o *logos*), gostaríamos de salientar que, a forma como ele contrasta com o cenário (pela sua vestimenta, pelo seu gestual sempre projetado ao auditório, assim como o seu olhar) reforça, em termos imagéticos, o que foi proferido no discurso.

Além do exposto, a análise aqui proposta nos levou a concluir que as palavras **fraternidade**, **amor** e **confiança** (extraídas da frase **Um caminho de fraternidade, de amor, de confiança entre nós**) constituem o tripé sobre o qual toda a argumentação se sustentou. Essa proposta feita pelo orador pode ser considerada, então, a Tese Principal de seu discurso.

Vale lembrar que “a primeira condição da argumentação é ter definida uma tese e saber para que tipo de problema essa tese é resposta [...] é preciso saber quais as perguntas que estão em sua origem” (ABREU, 2002, p. 37). Nesse sentido, a tese proposta pelo orador vem ao encontro do que Kristeva comenta no excerto disposto na epígrafe deste trabalho: “há uma grande demanda por parte da sociedade moderna, que é uma sociedade carente de sentido, e carente de pais”. Talvez possamos inferir que a proposta feita pelo orador, nesse contexto, possa ser considerada uma resposta a essa sociedade fragilizada pela violência, pela insegurança e pela falta de direcionamento.

Assim, podemos concluir que a postura de simetria do orador frente ao seu auditório (expressa por meio da gestualidade e do discurso), a proximidade estabelecida pelo diálogo construído (tal como evidenciado na análise) e toda a construção retórica do discurso pedagógico imprimem no orador um caráter carismático de liderança e, por que não dizer, de acordo com Kristeva, de **pai**.

Notas

¹ “De fato a gente se pergunta: por que tamanha audiência? Nós estamos em uma era da técnica, onde tudo passa na televisão. Jamais havíamos tido os meios técnicos para atingir tal visibilidade. Mas, eu creio que há uma grande demanda por parte da sociedade moderna, que é uma sociedade carente de sentido, e carente de pais” (KRISTEVA, 2013, p. 1, tradução nossa). Trecho extraído de entrevista feita com Julia Kristeva por ocasião da eleição do papa Francisco.

² Antes disso, o último papa a renunciar foi Gregório XII, em 1415 (PULLELLA, 2013).

³ Do ponto de vista do direito canônico, a palavra conclave designa a reunião do colégio de cardeais, o qual é convocado por ocasião da eleição de um novo pontífice (HOUAISS, 2001). O termo **conclave** origina-se na expressão latina *camera cum clave*, em português **quarto com chave**, isto é, local fechado com chave, sem interferência externa. Na jurisprudência eclesiástica, expressa tanto o local onde se reúnem os cardeais para a eleição do papa, como também a assembleia dos cardeais reunidos para a eleição.

⁴ Discurso proferido em italiano e adaptado por nós, a partir da tradução para o português disponível no site do vaticano: http://www.vatican.va/holy_father/francesco/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi_po.html.

⁵ Período que se estende de meados do século XIV a meados do século XVI, marcado por profundas transformações no pensamento, ciências e artes da civilização europeia, tendo como mais significativa a passagem do teocentrismo para o antropocentrismo. Sua arquitetura “representou um retorno aos modelos da antiguidade greco-romana e foi baseada em ordens regulares, simetrias e em eixos centrais com grandiosas plantas baixas e imponentes fachadas” (BURDEN, 2006, p. 52). Segundo Brandão (1999) esta arquitetura “refere-se a um ideal estético apolíneo, onde a perfeição e harmonia das proporções são tomadas como valores máximos” (p. 74).

⁶ O *ethos* pode ser entendido como a imagem, verdadeira ou não, que o orador constrói de si no intuito de persuadir e convencer seu auditório. Para Reboul (2004, p. 48), o *ethos* “é o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, pois, sejam quais forem seus argumentos lógicos, eles nada obtêm sem essa confiança”.

⁷ “[...] em matéria de retórica, parece-nos preferível definir o auditório como *o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação*” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 22).

⁸ Seus antecessores recentes (Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II e Bento XVI), em suas primeiras aparições, se apresentaram trajando a romeira de cor vermelha, sobrepeliz

no lugar da batina e a estola ornamentada em ouro, com imagens dos evangelistas. Esta última, Francisco só a utiliza momentaneamente no seu primeiro discurso, durante a bênção.

⁹ Essa constatação corrobora o que Dondis (2007, p. 119) ressalta como sendo o significado essencial do contraste: estar contra. Segundo a autora, “ao compararmos o dessemelhante, aguçamos o significado de ambos os opostos”.

¹⁰ O termo **auditório** é uma herança da retórica tradicional e refere-se ao “conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 22).

¹¹ Francisco de Assis iniciou, no começo do século XIII, uma ordem religiosa formada inicialmente por um grupo de mendigos voluntários (daí o adjetivo de Ordem Mendicante dado à Ordem Franciscana), que trabalhavam, rezavam, cantavam, pregavam e viviam na mais extrema pobreza. Essa ordem teve sempre como marca a maneira carinhosa com que seus membros dirigem-se uns aos outros e também aos elementos da natureza, chamando-os de irmãos e irmãs.

¹² De acordo com Ferreira (2010), “o discurso retórico possui quatro pilares, correspondentes às etapas de organização do discurso: invenção, disposição, elocução e ação” (p. 109). Na disposição, o orador põe os argumentos em ordem, iniciando pelo exórdio, passando pela narração, pela confirmação e, por fim, pela peroração. O exórdio é, portanto, “a parte introdutória do discurso, o primeiro contato entre o orador e o público” (TRINGALI, 1988, p. 82).

¹³ Conforme Vizcaíno (2004), desde 22 de fevereiro de 1996 vigora a Constituição Apostólica *Universi Dominici Gregis*, que trata da vacância da Sé Apostólica e da eleição do Romano Pontífice. Essa eleição do novo papa é feita pelo grupo de cardeais que se reúne em conclave. De acordo com o documento mencionado, “o conclave não deve ser considerado um mero lugar de reunião dos cardeais com direito a voto, mas trata-se de um *âmbito de retiro sagrado* onde os cardeais eleitores invocam ao Espírito Santo para proceder à eleição do Romano Pontífice”.

¹⁴ Reboul (2004, p. 97) afirma que o exórdio é extremamente relevante na constituição do discurso e que está sempre atrelado ao auditório, ou seja, o orador disporá seus argumentos de acordo com as reações, verificadas ou imaginadas, de seus ouvintes.

¹⁵ De acordo com Raskin (1985), o gatilho do humor é o elemento linguístico responsável por **acionar** o riso em uma piada ou em gêneros humorísticos em geral.

¹⁶ Em Abreu (2002) vamos encontrar o seguinte esclarecimento: “ao iniciar um processo argumentativo visando ao convencimento não devemos propor de imediato nossa tese principal [...]. Devemos, antes, preparar o terreno para ela, propondo alguma outra tese, com a qual nosso auditório possa concordar. [...] Essa tese

preparatória chama-se TESE DE ADESÃO INICIAL. Uma vez que o auditório concorde com ela, a argumentação ganha estabilidade, pois é fácil partir dela para a tese principal” (p. 45-46).

¹⁷ Na visão de Abreu (2002, p. 45), a Tese Principal é a idéia principal do nosso discurso, é aquela que queremos ‘vender’ ao nosso auditório.

¹⁸ O *pathos* refere-se às paixões despertadas no ouvinte por meio do discurso. Como caracteriza Reboul (2004), trata-se de um conjunto de sentimentos e emoções que o orador deve suscitar no auditório com seu discurso. Na opinião de Meyer (2007, p. 36-37), “falar do *pathos* é falar do auditório, pois o mesmo é formado por um grupo de pessoas movido por paixões”.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

BRANDÃO, C. A. L. *A formação do homem moderno vista através da arquitetura*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

BURDEN, E. *Dicionário ilustrado de arquitetura*. Trad. Alexandre Ferreira da Silva Salvaterra. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

DISCURSO de posse do Papa Francisco. Disponível em: <http://www.kristeva.fr/euronews_pape_francois.html>. Acesso em: 26 mar. 2013.

DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HABEMUS Papam! Jorge Mario Bergoglio: apresentação do Papa Francisco ao mundo (vídeo). Disponível em: <<http://www.aleteia.org/pt/religiao/noticias/papa-francisco-507001>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

HOUAISS, *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KRISTEVA, J. *Euronews – Interview sur le Pape François*. Disponível em: <http://www.kristeva.fr/euronews_pape_francois.html>. Acesso em: 31 mar. 2013.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermentina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PULLELLA, P. *Renúncia do papa Bento 16 surpreende Igreja Católica*. Disponível em: <<http://br.reuters.com/article/topNews/idBRSPE91A04Z20130211>>. Acesso em: 1 abr. 2013.

RASKIN, V. *Semantic Mechanisms of Humor*. Dordrecht: D. Riedel Publishing Company, 1985.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIZCAÍNO, P. M. R. *A eleição do novo pontífice*. 2004. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/direito-canonical/nocoes-gerais/8161-a-eleicao-do-romano-pontifice->>. Acesso em: 15 mai. 2013.

Maria Flávia Figueiredo

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa, UNESP.

Docente permanente do programa de mestrado em Linguística da UNIFRAN.

Fernando Aparecido Ferreira

Doutor em Ciências da Comunicação, ECA/USP.

Docente permanente do programa de mestrado em Linguística da UNIFRAN.

Artigo recebido em 30 de junho de 2013.

Artigo aceito em 23 de julho de 2013.

[Voltar ao Sumário](#)